

www.revistaterradagente.com.br

ANO 5 NÚMERO 53 | SETEMBRO DE 2008

Terra da Gente

CONHECER E CONSERVAR PARA COMPARTILHAR A VIDA



ESPECIAL AMAZÔNIA

É POSSÍVEL ATINGIR O EQUILÍBRIO ENTRE PRODUÇÃO E CONSERVAÇÃO?

CAÇA • EXTRATIVISMO • PATAUÁ • MINERAÇÃO • ECOTURISMO • FRONTEIRAS • PRIMATAS

R\$ 10,00



ISSN 1806-3506



PONTO FINAL

EVARISTO E. DE MIRANDA

é doutor em Ecologia e chefe da Embrapa Monitoramento por Satélite

DE QUEM É A AMAZÔNIA?

A Amazônia como terra intocada, onde o homem é um recém-chegado, é mito. É ali onde o homem está há mais tempo no Brasil: 15 mil anos. Sua vegetação é tão natural quanto cultural. Por cinco mil anos, caçadores coletores 'produziram' as florestas de castanha do Pará; milhares de anos de uso do fogo favoreceram a manutenção e a extensão de cerrados em meio à floresta; o uso das terras no Neolítico gerou as matas de bambu do Acre; as terras pretas da Amazônia resultam de uma agricultura intensiva praticada antes dos europeus.

Têm-se como 'pacífico' o fato de a Amazônia ser brasileira. Não era. Os espanhóis descobriram a América e foram os primeiros europeus a chegar à região. Graças ao Tratado de Tordesilhas eram os senhores da Amazônia, de direito e de fato. Como a Amazônia foi incorporada ao Brasil?

Para conquistar esse território, a Coroa portuguesa usou estratégia geopolítica e muita persistência. Um século após expedições espanholas sem consequências, os portugueses engajaram a exploração do Amazonas e tomaram

posse de grande parte da bacia, em cuja embocadura já estavam desde a fundação de Belém, em 1616. Herói da Amazônia, Pedro Teixeira comandou, em 1637, uma expedição de soldados e índios, de duas mil pessoas, e subiu o Amazonas até Quito. Deixou marcos, registrou tudo em atas, relatos e mapas, e tomou posse da Amazônia para o rei de Portugal. Em 1750, sua epopéia foi decisiva para incorporá-la ao Brasil, através do Tratado de Madri.

Nossa há 250 anos, a Amazônia é a economia regional que mais cresce. O ritmo de seu PIB é duas vezes o do País. Sua agricultura responde por quase 20% da produção de grãos. A região apresenta as maiores taxas de crescimento de população e urbanização. São quase 25 milhões de pessoas. Mais de 75% vivem em centenas de cidades, com aspirações urbanas de vida e consumo.

Por que não se fala de desmatamento em Manaus? Porque a cidade oferece alternativas mais interessantes do que se embrenhar na mata para sobreviver. Para proteger a floresta é necessário cuidar das cidades, mais do que das árvores. Saneamento, educação, empre-

go e renda, atraem mão-de-obra do campo, aliviam a pressão na floresta de atividades extrativistas e predatórias. Boa parte da solução para a floresta está no desenvolvimento de base não florestal. Repito, de base não florestal. Mas uma barreira enorme para isso é a desordem territorial.

Terras indígenas e unidades de conservação totalizam 2 milhões de quilômetros quadrados: 46,4% do bioma. Retirando-se as áreas de preservação permanente (APPs), que não podem ser desmatadas, e os dispositivos da Reserva Legal, que só permitem ao agricultor usar 20% da propriedade, sobra menos de 7% do bioma. Cidades, capitais, indústrias, atividades energético-mineradoras e agricultura deveriam caber nestes 7%, menos de 300.000 km². Isso é surrealista face à história da presença humana na região, já ocupada, de fato, em mais de 20%.

A legalidade afronta a legitimidade na Amazônia. Nem ribeirinhos poderiam estar onde sempre estiveram. A legislação empurra a presença humana para a ilegalidade. A iniciativa do Ministério do Meio Ambiente de compatibilizar realidades existentes e legislação, através de um zoneamento, é um passo para sustentabilidade. A perspectiva de recompor a reserva legal com espécies produtivas, será outro grande avanço. Talvez, no futuro, o reflorestamento supere o desmate. Mas muitas outras medidas devem ser tomadas.